

Editorial

Este é o terceiro número de **Scientiæ studia** dedicado principalmente à história da ciência, com a exceção da nota crítica de Eduardo Kickhöfel, que desenvolve um tema contemporâneo sob uma perspectiva metafísica, comentando o artigo de Marcelo Ferreira publicado no número anterior. Os textos aqui publicados testemunham o aumento entre nós da reflexão crítica, filosófica e histórica, sobre as ciências biológicas e a medicina.

O número inicia com o artigo de Regina Rebollo que discorre sobre o estabelecimento da medicina no tratado hipocrático *Sobre a arte médica*, traçando seu percurso entre o século III a.C. e o século XVIII e discutindo dois aspectos filosóficos relevantes para a caracterização científica da medicina: a concepção de que ela é uma ciência causal e preditiva, e também a teoria do conhecimento e do fazer médicos que serve de fundo para essa concepção causalista. Eduardo Barra se debruça, em seu artigo, sobre os *Princípios da filosofia* de Descartes, mostrando que ao programa mecanicista – segundo o qual as explicações dos mecanismos causais do mundo devem ser feitas exclusivamente em termos de qualidades geométricas – subjaz uma concepção que nega a existência de princípios ativos na matéria. Essa concepção do caráter essencialmente inerte e passivo da matéria exclui, por um lado, a existência de forças na natureza e reclama, por outro lado, para Deus um lugar central na justificação do movimento e da atividade naturais. Marisa Donatelli retoma Descartes, apresentando com base na correspondência uma contextualização de seu debate com os médicos holandeses. Essa contextualização permite lançar uma interessante luz sobre o desenvolvimento da medicina cartesiana, apontando para um constante trabalho de Descartes no sentido de manter-se informado acerca dos avanços da pesquisa médica de seu tempo e de atualizar constantemente seus escritos médicos.

Cabe assinalar a importante contribuição, para este número de **Scientiæ studia**, do Prof. Nelson Papavero, professor aposentado do Museu de Zoologia da USP, que gentilmente ofereceu para publicação nos *Documentos científicos* sua tradução do opúsculo de um autor alemão do século XVIII, o barão von Hüpsch-Lonzen, o qual discute a importante questão biogeográfica da união e separação entre o Velho Mundo (Europa, África e Ásia) e o Novo Mundo (América) e do povoamento deste último continente. A originalidade do trabalho reside no fato de que seu autor parece ter sido o primeiro a aventar a hipótese da existência de um supercontinente primitivo que depois se separou. A publicação da tradução do opúsculo, da introdução e notas só foi possível graças à cooperação acadêmica entre os autores.

Também possui um eminente caráter histórico a resenha de Eduardo Kickhöfel da edição brasileira das ilustrações dos trabalhos anatômicos de Andreas Vesalius, na qual se discute a inserção da anatomia de Vesalius no movimento de constituição da ciência moderna, detendo-se em particular no papel do desenho, enquanto representação exata e fiel do corpo humano, para o desenvolvimento da anatomia moderna. 🌐

PABLO RUBÉN MARICONDA
editor responsável